

NOGUEIRA, Oracy. Os estudos de comunidade no Brasil. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 17, n. 50, p. 125-135, agosto de 2018 ISSN 1676 8965.

SEÇÃO DOCUMENTOS

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

Os estudos de comunidade no Brasil*

Community studies in Brazil

Oracy Nogueira

Resumo: Oracy Nogueira repassa neste ensaio analítico o método monográfico e sua aplicação nas pesquisas de comunidades de pequena escala no Brasil dos anos de 1940 e 1950. Autor importante para a história das ciências sociais brasileiras, especificamente a Sociologia e a Antropologia, então nascentes, Oracy Nogueira, nesta comunicação, apresentada na *1ª Reunião Brasileira de Antropologia*, Rio de Janeiro, 8-14 de novembro de 1953, passa em revista pesquisadores e seus trabalhos de cunho etnográfico, desenvolvidos e em desenvolvimento no meio acadêmico de então. Esta comunicação foi a seguir publicada na *Revista Brasileira de Antropologia*, v. 3, n. 2, p. 95-103, de dezembro de 1955; reapresentada com pequeno acréscimo informativo no *I Painel Nipo-Brasileiro*, realizado de 6 a 9 de fevereiro de 1956, em São Paulo, e republicado como capítulo 17 da parte III (Estudos de comunidade) no seu livro *Pesquisa Social: introdução às suas técnicas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional (com colaboração da Editora da Universidade de São Paulo), 1964, com edições repetidas até 1975. **Palavras-chave:** estudos de comunidades, ciências sociais no Brasil, história das ciências sociais no Brasil, método (etnográfico) monográfico

* A *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção* prossegue, neste número, a sua *Seção Documentos*. Seção esta que realiza uma série de reedições de pesquisadores brasileiros que encaminharam suas pesquisas à luz do interacionismo e do método ecológico nos primeiros anos do florescimento das ciências sociais no país, entre os anos de 1930 a 1960, especificamente a antropologia e a sociologia. Estes pesquisadores abriram uma frente de pesquisa singular no caminho de uma sociologia e de uma antropologia urbanas locais, em um momento em que as ciências sociais começavam a iniciar o seu processo de fundação e consolidação. A *Seção Documentos da RBSE*, na sua série 3, sobre os *Interacionistas no Brasil*, apresenta o autor Oracy Nogueira com a reedição do seu artigo *Os estudos de comunidade no Brasil*. Oracy Nogueira foi um cientista social brasileiro, cuja história profissional se entrelaça com a das Ciências Sociais no país, influenciando as gerações posteriores nos campos da sociologia e da antropologia urbana e nos estudos de comunidades (pesquisa em pequenas cidades). Sua obra inovadora teve influência interacionista marcante, através do seu vínculo como bolsista e orientando de Donald Pierson; e com a Universidade de Chicago, EUA, onde iniciou o seu doutorado e foi orientando de Everett Hughes, sendo aluno de Louis Wirth, Robert Redfield, entre outros. Oracy Nogueira integrou a primeira turma de mestres em ciências sociais formada no país pela *Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo*. Nos seus estudos e pesquisa abordou temas como o estigma e o preconceito, sendo criador dos conceitos de *preconceito de marca* para compreender a dinâmica interna do racismo brasileiro, em contraste com o *preconceito de origem* que caracterizaria o racismo norte-americano. Estudou temas relacionados à família e parentesco, metodologia e técnicas de pesquisa, estudos de comunidade (pequenas cidades), sociologia e antropologia urbanas e sociologia e antropologia das profissões. Sua presença ativa e discreta perpassa instituições e iniciativas relevantes, em especial entre os anos 1940 e 1960. Entre elas, notadamente, se encontram a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, a Revista de Sociologia, do qual foi um autor muito presente, e posteriormente, seu editor, o Setor de Pesquisa Social do Instituto de Administração da Universidade de São Paulo, e o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais no Rio de Janeiro. Morreu em 1996. (Nota do Editor)

Abstract: Oracy Nogueira, in this analytical essay, reviews the monographic method and its application in the researches of small-scale communities in Brazil in the 1940s and 1950s. An important author for the history of the Brazilian social sciences, specifically Sociology and Anthropology, then nascent, Oracy Nogueira, in this communication made at the *1st Brazilian Meeting of Anthropology*, Rio de Janeiro, November 8-14, 1953, reviews researchers and their ethnographic works, developed and developing in the academic environment of that time. This communication was later published in the *Revista Brasileira de Antropologia* (Brazilian Journal of Anthropology), v. 3, n. 2, p. 95-103, December 1955; presented with a small informative addition in the *I Japan-Brazil Panel*, held from February 6 to 9, 1956, in São Paulo, and republished as Chapter 17 of Part III (Community Studies) in his book *Pesquisa Social: introdução às suas técnicas* (Social Research: Introduction to his techniques), São Paulo: Companhia Editora Nacional (with collaboration of the Editora of the University of São Paulo), 1964, with repeated editions until 1975. **Keywords:** studies of communities, social sciences in Brazil, history of the social sciences in Brazil, method (ethnographic) monographic

Tendo-nos cabido, no presente painel, o mesmo tema que nos foi atribuído por ocasião da 1ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada no Rio de Janeiro, de 8 a 14 de dezembro de 1953, nossa exposição se limitará a uma repetição da comunicação que então apresentamos, com um acréscimo de um parágrafo final para atualização da parte informativa¹.

Consequentemente, a comunicação a ser lida neste Painel reflete a mesma preocupação que inspirou sua redação, por ocasião da mencionada Reunião, cujos trabalhos se caracterizaram por um cunho predominantemente informativo. Assim, evitamos qualquer discussão, por exemplo, sobre o conceito de *comunidade*, visto que mesmo este termo seria dispensável, na formulação do tema, se ao invés da expressão *estudos de comunidades*, se empregasse outra, como *estudos monográficos* ou *monografias sociológicas* ou *estudos de grupos locais*, todos apresentando, tal como se referiu, vantagens e desvantagens.

Optou-se pelo termo *estudos de comunidades* pelo fato de que, na literatura sociológica mais recente, tem ele assumido, mais ou menos espontaneamente, o sentido restrito de estudo de um grupo local, de base territorial, integrado numa mais ampla e complexa estrutura social, de que é tomado como amostra, pelo autor, para o conhecimento de determinadas situações ou problemas. Tais estudos implicam, pois, a transferência, para o campo de investigação das sociedades mais complexas, de uma perspectiva metodológica que de há muito pouco os antropólogos e etnólogos vinham aferindo e enriquecendo, no estudo das sociedades mais simples, *pré-letradas* ou *primitivas*.

O emprego da entrevista e da observação participante tem, em tais estudos, a mesma ênfase que, na pesquisa sociológica tradicional, se dava à investigação estatística e documentária. A validade, as vantagens e os percalços de tal perspectiva metodológica, quando aplicada ao estudo das sociedades mais complexas, têm sido discutidos pelos especialistas, como no conhecido artigo de Robert Bierstedt (1948),

¹ Comunicação feita na 1ª Reunião Brasileira de Antropologia, Rio de Janeiro, 8-14 de novembro de 1953, publicada na *Revista Brasileira de Antropologia*, v. 3, n. 2, p. 95-103, de dezembro de 1955; reapresentada com pequeno acréscimo informativo no I Painel Nipo-Brasileiro, realizado de 6 a 9 de fevereiro de 1956, em São Paulo, e republicado como capítulo 17 da parte III (Estudos de comunidade) no seu livro *Pesquisa Social: introdução às suas técnicas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional (com colaboração da Editora da Universidade de São Paulo), 1964, com edições repetidas até 1975.

publicado em conjunto com a contra-argumentação de Clyde Kluckhohn, e ao qual Emílio Willems (1949) igualmente ofereceu resposta pelas páginas da *Sociologia*.

A aceitação do significado apontado e corrente de *estudo de comunidade* tinha a vantagem de permitir ao relator limitar suas considerações a um grupo relativamente homogêneo de trabalhos de investigação sociológica – relativamente homogêneo pela perspectiva metodológica e pelo *universo de discurso* de seus autores – que abrangem boa parte da pesquisa sistemática que se vem realizando no Brasil.

É convicção do relator que a principal desvantagem desta categoria de estudos está na tendência ao escamoteamento dos problemas da macro-sociologia pela ênfase nos de micro-sociologia. Admite, porém, que os *estudos de comunidades*, combinados com os regionais e nacionais, completar-se-ão uns aos outros, resultando em mútua correção (cf. resenha de Nogueira, 1955).

Por *estudos de comunidades* temos em vista aqueles levantamentos de dados sobre a vida social em seu conjunto, relativos a uma área cujo âmbito é determinado pela distância a que se situam nas várias direções, os moradores mais afastados do centro local de maior densidade demográfica, havendo entre os moradores do núcleo central e os da zona circunjacente, assim delimitada, uma interdependência direta para a satisfação de, pelo menos, parte de suas necessidades fundamentais.

As relações sociais – no sentido mais amplo deste adjetivo – são mais frequentes e intensas entre os integrantes da mesma comunidade que entre os de duas diferentes comunidades, mesmo vizinhas. Os membros de uma comunidade se distinguem, portanto, pelo seu maior conhecimento recíproco, pela participação num repertório comum de experiências relativas ao *habitat*, às pessoas e instituições locais e pela conseqüente consciência grupal que os contrasta com outros grupos populacionais.

Relação dos estudos de comunidades realizados ou em andamento no Brasil

Embora a designação se possa aplicar com igual, se não com maior propriedade aos estudos dos agrupamentos indígenas, mais ou menos isolados, dotados de língua e instituições peculiares, o presente relatório se limitará à consideração dos estudos dos agrupamentos de população situados em diferentes pontos do país, porém, que, não obstante todas as peculiaridades locais estão integradas na estrutura social nacional, participando das mesmas instituições básicas e do lastro comum de tradições que caracterizam a nação. Ao estudo de grupos populacionais integrados em complexas estruturas nacionais, mais que ao de grupos indígenas relativamente isolados, é que se tem aplicado a designação; e a aplicação de tal perspectiva metodológica, no caso dos primeiros, suscita problemas e dificuldades especiais.

Quatro estudos de comunidades, realizados no Brasil, já se encontram publicados:

1. O de Emílio Willems, *Cunha, tradição e transição em uma cultura rural do Brasil*, São Paulo: Diretoria de Publicidade Agrícola da Secretaria da Agricultura, 1947;
2. O de Lucila Herrmann, *Evolução da estrutura social de Guaratinguetá num período de trezentos anos*. *Revista de Administração*, a. II, n. 5-6, p. 1-326, março-junho de 1948;
3. O de Donald Pierson, *Cruz das Almas, a brazilian village*. Washington: Smithsonian Institution, Institute of Social Anthropology, publicação n. 12, 1951;
4. O de Charles Wagley, *Amazon town, a study of man in the tropics*. New York; The Macmillan Company, 1953.

Em vias de publicação ou em conclusão, podem ser mencionados os seguintes:

5. 6. 7. Os três estudos em diferentes zonas ecológicas do estado da Bahia, iniciados em julho de 1950, com prosseguimento durante o ano de 1951, em programa de cooperação entre a Secretaria da Educação e Saúde do Estado da Bahia e o Departamento de Antropologia da Columbia University, de Nova York, sob a direção de Charles Wagley, Thales de Azevedo e L. A. Costa Pinto (1950)²;
8. 9. 10. 11. 12. O estudo de cinco pares de comunidades, no vale do Rio São Francisco, sob a direção de Donald Pierson, sob o patrocínio da Comissão do Vale do São Francisco;
13. O estudo de Oracy Nogueira, no município de Itapetininga, no Estado de São Paulo;
14. O estudo de Bernard J. Sieghel (1950), de uma comunidade nas vizinhanças da capital do Estado de São Paulo;
15. O estudo de Esdras Borges Costa, numa vila situada na ilha de Santa Catarina, no estado do mesmo nome;

Temos ainda notícia de dois outros estudos em andamento:

16. O de Cabo Frio, no Estado do Rio, com a participação de D. Heloísa Alberto Torres e outros técnicos, sob o patrocínio do Museu Nacional;
17. O de Chonim, no Estado de Minas Gerais, por Alfonso Trujillo Ferrari.

Os 17 estudos, ou 18 ao considerarmos o acréscimo referido pelo professor Thales de Azevedo, se referem, pois, a comunidades localizadas desde a bacia amazônica, ao Norte (Estado do Pará), até o Estado de Santa Catarina, ao Sul. Com efeito, são os seguintes os estados em que se encontram as comunidades já estudadas ou em estudo: Pará, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina.

Dos estudos publicados, o de Emílio Willems diz respeito a um município de 27 mil habitantes, dos quais 1.500 vivem na sede; o de Lucila Herrmann, a um município de 30 mil habitantes, dos quais 15 mil vivem na parte urbana; o de Donald Pierson, a uma vila cujo distrito compreende 2.700 habitantes, dos quais três centenas vivem na sede; o de Charles Wagley, a um município de 6 mil habitantes, dos quais 500 vivem na sede, à qual estão diretamente ligados a outros 1.500, o que dá para a *comunidade*, propriamente dita, 2 mil habitantes. As comunidades estudadas na Bahia, no programa da Secretaria de Educação e Saúde e Columbia University, contam cada qual com cerca de 1.500 a 2 mil habitantes na sede e de 4 mil a 5 mil no total (Wagley, Azevedo e Costa Pinto, 1950; Wagley, 1951)³.

A população da sede, nas comunidades estudadas no Vale do Rio São Francisco, sob a direção de Donald Pierson, varia de cerca de 700 a cerca de 4 mil habitantes, enquanto a população total vai de, aproximadamente, 9 mil a 38 mil habitantes. A comunidade estudada por Oracy Nogueira conta com cerca de 35 mil habitantes, dos quais 15 mil na parte urbana; e a de Bernard J Sieghel, com 20 mil, ao todo, e 900

² Estávamos com a comunicação redigida, quando fomos informados, neste recinto, pelo professor Thales de Azevedo, ter sido realizado, no mesmo programa, um quarto estudo em diferente área ecológica do estado.

³ A sede da comunidade cujo estudo foi incluído posteriormente, segundo informação do prof. Thales de Azevedo, tem em torno de 4 a 5 mil habitantes.

habitantes na sede, respectivamente; a de Esdras Borges Costa, cerca de 2.500, dos quais 1.000 na sede. A comunidade em estudo pela equipe do Museu Nacional, no Estado do Rio, conta com um total de cerca de 3 mil habitantes⁴; a de Alfonso Trujillo Ferrari, cerca de 3 mil ao todo, e 400 na sede.

Enfim, as comunidades estudadas ou em estudo compreendem desde simples sedes de distrito, com algumas centenas de habitantes, até sede de comarca com 15 mil habitantes urbanos, indo de habitantes rurais de 2 até aproximadamente 40 milhares. A economia dessas comunidades é predominantemente rural, compreendendo a agricultura, a pecuária e a indústria extrativa vegetal e animal; porém, no total da população colhida pelos estudos referidos, as ocupações urbanas – a burocracia, o proletariado, as chamadas profissões liberais, o comércio, etc. – estão também representadas.

Creemos que as informações até aqui apresentadas bastam para mostrar a importância que vão assumindo os chamados *estudos de comunidades*, no Brasil, verdadeiro movimento intelectual, o mais vigoroso, até o momento, na história da pesquisa sociológica no país e, ao que tudo indica, com tendência a absorver uma parte cada vez mais considerável do interesse, da energia e dos recursos com que contarão os especialistas, que, no futuro imediato, se empenharem no levantamento de dados sistemáticos para o conhecimento da realidade nacional.

Vejam, pois, no âmbito nacional, o que se espera desta perspectiva metodológica, seja do ponto de vista teórico, seja do ponto de vista prático.

Do ponto de vista teórico, espera-se que os estudos de comunidades, na medida em que se multipliquem, forneçam um complemento e, em certo sentido, um corretivo aos estudos de caráter analítico, por proverem uma visão de conjunto, funcional, da vida social, através da consideração e interpretação de dados sincrônicos e diacrônicos referentes ao mesmo *locus* geográfico, isentos, pois, tanto quanto possível, quer da interpolação de dados reais extras locais, quer do preenchimento de lacunas do material por meio de conjectura.

Além disso, trazendo ao primeiro plano a observação direta da vida dos indivíduos, com seu comportamento verbal e suas atitudes, sua atuação recíproca, seu comportamento tradicional e suas improvisações, suas convicções e suas racionalizações, os estudos de comunidades desvendam um importante aspecto da realidade social que escapa do todo ou é minimizado quando se adotam outras técnicas ou perspectivas que levam a uma apreensão dessa realidade pelos seus aspectos mais externos e quantitativos. Em outras palavras, os estudos de comunidades permitem um exame mais adequado das manifestações subjetivas e interindividuais da vida social, revelando a tendência do grupo a perpetuar seus valores tradicionais ou abandoná-los e a substituí-los por outro sistema de valores; enfim, a reproduzir a própria vida social, indefinidamente, tal qual é, ou a deixá-la mudar, quer numa atitude de indiferença ou mero consentimento, quer pelo empenho consciente em prol do advento de novas condições de vida vislumbradas e desejadas.

Contribuição prática dos estudos de comunidades

Do ponto de vista prático, espera-se que os estudos de comunidades, contribuindo para um conhecimento mais aprofundado e mais minucioso da realidade nacional, permitam uma eficiência maior ao trabalho de todos aqueles técnicos que, pelo caráter de suas atividades, são, ao mesmo tempo, agentes de mudança social e cultural: o agrônomo, o médico, especialmente o sanitarista, o educador e outros. A visão funcional que os estudos de comunidades proporcionam da vida social parece sugerir

⁴ Informação do Dr. Carl Withers. Não foi possível estimar a população da sede.

espontaneamente a necessidade de uma ação coordenada e cooperativa desses diferentes especialistas, quando tenham de atuar na mesma área e sobre o mesmo grupo populacional.

Além do exposto, pode-se esperar que os estudos de comunidades, suscitando no espírito dos técnicos uma atitude mais compreensiva em relação às populações sobre as quais tenham que atuar, os liberte, tanto quanto possível, de preconceitos que dificultam o desenvolvimento de uma recíproca simpatia, sem a qual tantas intenções generosas se retraem ao primeiro obstáculo, cedendo lugar a manifestações de impaciência e irritação, de decepção e derrotismo.

Até aqui, nossas referências têm sido, ao que se pode esperar, sob o ponto de vista prático, dos estudos de comunidades, tendo-se em mira a atuação dos técnicos que, pelo caráter de suas atividades são, ao mesmo tempo, agentes de mudança social e cultural. Não há dúvida, porém, quanto ao fato de que a atuação desses técnicos pressupõe um planejamento para cujo sucesso também é de se esperar que os estudos de comunidades venham a contribuir consideravelmente.

Os estudos de comunidades oferecerão ao administrador, ao político, ao homem de gabinete, aos habitantes das capitais e das grandes cidades, um quadro realista da vida dos pequenos e rústicos aglomerados do interior e da população rural, mostrando o seu lado dramático e humano, seus problemas e suas dificuldades, suas condições reais e suas aspirações, seus recursos e sua experiência.

Em outras palavras, à medida que se multiplicarem, em que se divulgarem seus resultados e se obtiver, através de sua síntese, uma visão panorâmica mais adequada da realidade nacional, os estudos de comunidades poderão contribuir para concentrarem os recursos disponíveis na solução de problemas que afetam as populações dos centros de maior densidade, em detrimento dos que afetam a população rural e a dos menores e mais afastados núcleos demográficos.

Enfim, os estudos de comunidades já realizados ou em andamento têm revelado de modo insofismável que o desenvolvimento da produção, a melhoria das condições de saúde e educacionais, em curto prazo, somente se pode obter com a introdução de novos recursos na comunidade.

Objeções teóricas aos estudos de comunidades

A principal objeção que se pode fazer aos estudos de comunidades, do ponto de vista teórico, consiste na crítica já clássica de Durkheim ao método monográfico. Assim, a visão de conjunto da vida social de qualquer agrupamento humano de que até aqui temos falado está sujeita, necessariamente, a um limite. Não se pode colher informações ou dados indefinidamente. Surge, pois, o problema de saber quais os dados a serem selecionados dentre a infinidade de dados possíveis.

A objeção é bastante séria e indica que não se pode colher dados a esmo, sem preocupação com um quadro teórico ou com hipóteses mais ou menos definidas. Variarão, portanto, os estudos de comunidades com a formação teórica e geral dos diferentes pesquisadores. Com efeito, se dois pesquisadores estudarem uma mesma comunidade, no mesmo período, porém independentemente, os resultados, provavelmente, serão diversos.

A resposta que se pode dar a tal objeção é que o pesquisador, dotado de uma formação sistemática, há de estar a par do repertório teórico das diferentes ciências sociais e dos resultados dos estudos anteriores realizados quer através da mesma perspectiva, quer sob outra orientação. Além disso, há que se distinguiem duas ordens de dados que a pesquisa poderá trazer à tona:

- 1) Dados singulares, que se referem a situações definidas e únicas, de caráter estritamente descritivo; e
- 2) Dados genéricos, que se referem a situações típicas, relativamente permanentes ou recorrentes.

Uma permanência suficientemente longa em qualquer comunidade permitirá levantar dados da segunda categoria, que são os que mais interessam do ponto de vista científico.

Outra objeção aos estudos de comunidades consiste em negar que as conclusões a que eles levem se baseiem exclusivamente no material colhido. A esta objeção se pode dar uma resposta análoga à anterior. Tal como em outros domínios científicos, nas ciências sociais, igualmente, cada tentativa de avanço repousa não apenas na pesquisa atual, mas em todo o repertório anterior de conhecimentos. Assim, os resultados de um estudo de comunidade ou:

- a. Concordam com os de estudos anteriores análogos e se harmonizam com o repertório anterior de conhecimentos; ou
- b. Contradizem os resultados de pesquisas anteriores, exigindo confirmação posterior para a consequente extensão ou modificação daquele repertório de conhecimentos.

Enfim, outra resposta que se podem aplicar a ambas as objeções mencionadas está em que não se pretende assentar as ciências sócias nem exclusivamente nos estudos de comunidades, nem exclusivamente em estudos realizados sob outras perspectivas. No repertório comum de cada uma dessas ciências, os conhecimentos resultantes de estudos de comunidades terão de ser integrados com os resultados de pesquisas em que se tenham empregados outros recursos.

Sem dúvida nenhuma, a ortodoxia no emprego da perspectiva de pesquisa de que estamos tratando pode levar a trabalhos de nível meramente descritivo e, portanto, cientificamente improficuos. Ademais, o emprego indeterminado e exclusivo desta perspectiva pode levar ao escamoteamento de importantes fenômenos e a uma visão deformada da realidade social, especialmente quando se leva ao exagero o artifício de considerar isolada e fechada em si mesma uma comunidade que, não obstante viverem seus componentes em interação mais intensa e em mais íntima dependência entre si está, todavia, integrada em uma estrutura social mais ampla e complexa, da qual tanto ou mais que de si mesma depende o seu destino.

Assim, o âmbito de muitos fenômenos ultrapassa os limites locais, podendo cobrir toda uma região, todo o território nacional e mesmo ultrapassar os limites deste; a gênese de muitos fenômenos é exterior à comunidade.

O problema da representatividade nos estudos de comunidades

Uma comunidade pode ser escolhida para estudo pelo simples fato de não ter sido estudada anteriormente. Neste caso, o problema da representatividade se reduz à determinação do tipo a que pertence e a cujos exemplares se poderão aplicar as generalizações resultantes.

Além disso, pode uma comunidade ter sido escolhida para estudo porque o seu conhecimento convém ao esclarecimento de determinado problema. Neste caso, a formulação do problema precede à seleção da comunidade. O problema pode consistir em se querer conhecer a vida social de uma determinada região ou de uma área cultural; ou em se pretender fazer um estudo de contatos inter-raciais, de assimilação ou aculturação, de uma comunidade rural que tenha passado a sofrer o impacto de uma organização industrial próxima; de um grupo isolado a que uma estrada recém-construída tenha colocado subitamente em contato com outras aglomerações maiores, etc.

Quando o problema precede à escolha da comunidade, o preenchimento de certos critérios de representatividade é condição que se impõe por si mesma.

De um modo geral, as comunidades em estudo ou já estudadas, no Brasil, têm sido escolhidas em função de problemas previamente formulados; Emílio Willems escolheu Cunha e Donald Pierson a vila de Cruz das Almas, o primeiro por desejar conhecer o processo de mudança de uma comunidade cujo grau de isolamento era considerável até a poucos anos atrás, quando do advento de uma estrada mais eficiente e de meios de transporte mais modernos veio pô-la em contato mais estreito e freqüente com outras populações; o segundo, por considerar uma população essencialmente rural, relativamente isolada dos centros industriais, como representativa da maior parte da população brasileira; os trabalhos da Bahia foram idealizados tendo-se em vista, - pelo estudo intensivo de três comunidades em áreas ecológicas distintas do Estado e pelo estudo complementar de outras três comunidades menos estáveis, nas mesmas regiões, - obter conhecimento da vida social e de sua tendência à mudança, útil ao planejamento de medidas educacionais e sanitárias; semelhante orientação foi adotada no planejamento dos estudos do vale do São Francisco; Charles Wagley escolheu, no Estado do Pará, à margem do Rio Amazonas, uma comunidade representativa das condições de vida da região, visando, igualmente, ao provimento de dados para a adoção de medidas educacionais e sanitárias; Esdras Borges Costa procurou uma comunidade remanescente da colonização açoriana com o fim de conhecer a influência deste grupo populacional na formação social do Sul do país; Oracy Nogueira escolheu uma comunidade onde fosse possível acompanhar o povoamento e o desenvolvimento da estratificação social desde o século XVIII até o presente, sendo, portanto, ao mesmo tempo, uma comunidade *antiga e modernizada*, isto é, constantemente afetada pelos fatores de mudança que atuam nos pontos mais ativos do país, porém não demasiadamente complexa, pelo volume de população, de modo a impossibilitar estudo desta natureza; procurou Bernard J. Sieghel uma comunidade situada nas imediações de um centro metropolitano cujo impacto viesse afetando a vida local de modo cada vez mais sensível.

Tendências dos estudos de comunidades no Brasil

Não obstante o que possa haver de comum entre os estudos já publicados e os por publicar, no país, certas diferenças de orientação parecem visíveis: em alguns, é nítida a ênfase no estilo descritivo e na restrita consideração dos dados atuais e locais, como sucede com o trabalho de Emílio Willems sobre Cunha; no estudo de Lucila Herrmann sobre Guaratinguetá, há uma ênfase no desenvolvimento histórico, através de vários *cortes transversais* pelos quais a autora procura expor os diferentes aspectos da vida local em períodos sucessivos até chegar à atualidade, semelhantemente, no trabalho de Oracy Nogueira, ainda não publicado, considerável ênfase é posta no desenvolvimento histórico; uma tendência típica que talvez se possa apontar é a de fazer da comunidade em estudo o foco de atenção, por assim dizer, para o conhecimento de toda a região de que faz parte, o que se observa nos estudos da Bahia, nos do vale do São Francisco, e no de Wagley na Amazônia⁵.

Enfim, nos estudos arrolados, três tendências principais se fazem notar:

- 1) A de dar ênfase aos aspectos locais e atuais, numa exageração do grau de isolamento da comunidade;
- 2) A de dar ênfase ao desenvolvimento histórico, com a consideração simultânea das condições atuais; e

⁵ A monografia estrangeira com a qual tais estudos mais se assemelham talvez seja a de Everett C. Hughes (1943).

- 3) A de estudar a vida social da comunidade e as condições ecológicas da região como dois aspectos interdependentes da mesma realidade.

O estudo de Charles Wagley, recentemente publicado, sobre a comunidade amazônica, parece combinar, com bastante equilíbrio, a consideração dos dados históricos com a dos relativos à ecologia regional e a dos referentes à vida atual e local, cuja ligação com o exterior (Belém, por exemplo) não é descurada. Talvez seja esta a orientação mais recomendável por ser a que mais condiz com o caráter monográfico dos estudos de comunidades. Esta será mais uma razão para que tais estudos sejam antes trabalhos de equipes, constituídas estas de elementos altamente capacitados e especializados, e não simples tarefas individuais.

Finalmente, se a realização de um estudo de comunidade mediante a aplicação de um esquema formal preconcebido e não ajustado à realidade levará a resultados improfícuos, não menos verdade é que os estudos monográficos tomados as devidas precauções, são compatíveis com as mais variadas perspectivas teóricas.

Lembremos, mais uma vez, que este tipo de estudo – o de comunidade, em que a atenção do pesquisador se focaliza na teia das relações humanas contidas numa área local bem determinada – e o tipo de trabalho com que nos habituaram os que se dedicam à história econômica, social e política e, em geral, os ensaístas, não se excluem mutuamente, mas antes se completam. Muitos estudos de comunidades não teriam sentido senão pelo fato de colocarem sob uma diferente perspectiva hipóteses surgidas e desenvolvidas através de estudos feitos com outra orientação.

Aos estudos já publicados, acima mencionados, conforme fora o texto preparado para a 1ª Reunião Brasileira de Antropologia, deve-se acrescentar o livro de Emílio Willems, que contou com a colaboração de Gioconda Mussolini, *Busios Island* (1952). Também foi publicado o livro de Eduardo Galvão, *Santos e visagens* (1955), sobre a vida religiosa e mágica na mesma comunidade da bacia amazônica estudada por Charles Wagley⁶.

Entre os estudos em vias de conclusão ou publicação, deverá figurar o de Antonio Candido, numa comunidade da zona *antiga* do Estado de São Paulo, com levantamento sistemático de dados sobre a cultura rural, focalizada tanto em suas manifestações atuais como em seu desenvolvimento histórico⁷.

Já foram igualmente publicados dados sobre a *organização da família* em algumas comunidades estudadas sob a orientação de Donald Pierson, no vale de São Francisco, como as de Levy Cruz (1954); Alfonso Trujillo Ferrari (1955); Alceu Maynard Araújo (1955); e Esdras Borges Costa (1955). Em 1955, por ocasião do I Congresso Brasileiro de Sociologia, realizado em São Paulo, Wilson Rosa fez uma comunicação sobre o estudo que estava realizando em uma comunidade na região cacauzeira do Estado da Bahia.

Vários dos trabalhos citados na presente comunicação como em andamento, já se encontram publicados quando da apresentação desta última versão. Assim, dos estudos da série da Secretaria de educação e Saúde da Bahia/ Columbia University, foram editados os de Marvin Harris (1956) e Harry William Hutchinson (1957).

Da série Escola de Sociologia e Política/ Comissão Nacional do Vale do Rio São Francisco, foram publicados os trabalhos de Fernando de Altonfelder Silva (1955); Esdras Borges Costa (1960); Alfonso Trujillo Ferrari (1960).

Por fim, estão igualmente publicados os trabalhos de Oracy Nogueira (1962) e Antonio Candido (1964).

⁶ Ver resenha em *Sociologia*, v. XVII, n. 4, p. 426-8, outubro de 1955.

⁷ O autor publicou informações relacionadas com esse estudo em Candido (1954).

Referências

- Araújo, Alceu Maynard. A família numa comunidade alagoana. *Sociologia*, v. XVII, n. 2, p. 113-131, maio de 1955.
- Bierstedt, Robert. The limitations of anthropological methods in sociology; and Clyde Kluckhohn, Comments on 'The limitations of anthropological methods in sociology'. *The American journal of sociology*, v. LIV, n. 1, p. 22-30, 1948.
- Candido, Antonio. A vida familiar do Caipira. *Sociologia*, v. XVI, n. 4, p. 341-67, outubro de 1954.
- Candido, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito, estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1964.
- Costa, Esdras Borges. *Cerrado e Retiro, cidade e fazenda no Alto São Francisco*. Rio de Janeiro: Comissão Nacional do Vale do Rio São Francisco, 1960.
- Costa, Esdras Borges. Relações de família em Cerrado e Retiro. *Sociologia*, v. XVII, n. 2, p. 132-146, maio de 1955.
- Cruz, Levy. Aspectos da formação e desintegração da família em Rio Rico. *Sociologia*, v. XVI, n. 4, p. 390-412, outubro de 1954.
- Ferrari, Alfonso Trujillo. A família em Potengi. *Sociologia*, v. XVII, n. 2, p. 147-162, maio de 1955.
- Ferrari, Alfonso Trujillo. *Potengi, encruzilhada no Vale do São Francisco*. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 1960.
- Galvão, Eduardo. *Santos e visagens*. Brasileira, série. 5, v. 284, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.
- Harris, Marvin. *Town and country in Brazil*. New York: Columbia University Press, 1956.
- Hughes, Everett. *French Canada in transition*. Chicago: University of Chicago Press, 1943.
- Hutchinson, Harry William. *Village and plantation life in Northeastern, Brazil*. Seattle: University of Washington Press, 1957.
- Nogueira, Oracy. *Família e comunidade: estudo sociológico de Itapetininga*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1962.
- Nogueira, Oracy. Resenha ao livro de Charles Wagley, 'Amazon town, a study of man in the tropics'. *Revista do Museu Paulista*, nova série, v. XI, p. 323-31, 1955.
- Sieghel, Bernard J. Algumas considerações sobre o estudo de uma comunidade brasileira. *Sociologia*, v. XII, n. 2, p. 148-60, maio de 1950.
- Silva, Fernando de Altonfelder. *Análise comparativa de alguns aspectos da estrutura social de duas comunidades do Vale do Rio São Francisco*. Tese de Livre-Docência. Curitiba: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade Federal do Paraná, 1955.
- Wagley, Charles, org. *Races et classes dans Le Brésil rural*. New York: UNESCO, 1951.

Wagley, Charles; Thales de Azevedo; Luís A. Costa Pinto. *Uma pesquisa sobre a vida social no Estado da Bahia*. Salvador: Secretaria da Educação e Saúde, Publicações do Museu do Estado n. 11, 1950.

Willems, Emílio (em colaboração com Gioconda Mussolini). *Busios island, a Caicara Community in Southern Brazil*. Washington, DC: J. J. Augustin Publisher, 1952.

Willems, Emílio. Os métodos antropológicos. *Sociologia*, v. IX, n. 2, p. 143-50, 1949.

